

# Memória de elefante, pernas de lebre e coração de carneiro

**N**a prática, o professor Bulhões quer alongar o perfil da dívida interna. Um diretor de um grande banco, consultado sobre a proposta, acha que o ministro tem até razão, desde que seja detonado um firme programa antiinflacionário. O problema todo residiria na execução da medida e o pânico que poderia gerar na sociedade, do medo de um calote na dívida interna.

É como um conhecido ditado do ministro da Fazenda da Itália, no pós-Guerra, Luigi Eunaldi: "O poupadão tem memória de elefante, pernas de lebre e coração de carneiro". Quer dizer, qualquer erro pode fazer com que os títulos públicos percam por completo a confiança da sociedade e o governo acaba abrindo mão de um engenhoso instrumento de financiar o déficit público, sem provocar inflação.

A preocupação do ex-ministro vai na direção do que muitos economistas têm dito: os juros elevados não freiam a economia e transferem renda para os mais ricos. E de acordo com o economista Daniel Dantas, diretor do Banco Icatu, as taxas não assustam nem mesmo as grandes empresas, que continuam com estoques elevados. A tese é elementar: o custo financeiro pago pelo juro de hoje é facilmente compensado nos aumentos de preços de amanhã. Trocando em miúdos: o preço da mercadoria estocada pode dobrar facilmente em pouco tempo, no momento da desova, e dar um bom lucro.

Bulhões e Dantas são unânimes em receitar os juros elevados neste final de governo. "Agora, só restam estas taxas altas. Não se pode fazer mais nada. Está tudo perdido", arremata Bulhões que, a exemplo do seu candidato a presidente, torce para Sarney passar a faixa para o seu sucessor no dia 1º de janeiro de 1990. (C.G.)